

## A sensibilidade do diafragma em Diderot: um paradoxo do paradoxo

### *The diaphragm sensibility in Diderot: a paradox of the paradox*

#### Resumo

A referência ao órgão do diafragma sinaliza uma acepção específica da sensibilidade, que coexiste com outras acepções em alguns dos escritos mais importantes da obra tardia de Diderot: *Sonho de d'Alembert* (1769), *Elementos de fisiologia* (≈1782), *Refutação de Helvétius* (1783) e, sobretudo, *Paradoxo sobre o comediante* (1773). Trata-se de uma acepção de difícil interpretação, porque ela se desdobra em duas: o diafragma e o cérebro como dois motores sensíveis do corpo humano. O objetivo deste artigo é apresentar o problema da sensibilidade do diafragma em Diderot, considerando esse duo, para, em seguida, contextualizar a teoria nos escritos de naturalistas e médicos da época (Buffon, La Caze e Bordeu) e, por fim, propor uma interpretação com base nestes.

**Palavras-chave:** Diderot; diafragma; cérebro; Buffon; La Caze; Bordeu.

\* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Contato: clara.castro@alumni.usp.br

Recebido em: 30/01/2023 Aceito em: 10/03/2023

## Abstract

*The reference to the diaphragm organ indicates a specific kind of sensibility. This meaning coexists with others in some of the most important writings of Diderot's late work: Rêve de d'Alembert (1769), Éléments de physiologie (≈1782), Réfutation d'Helvétius (1783) and, above all, Paradoxe sur le comédiant (1773). This meaning is difficult to interpret because it unfolds in two: the diaphragm and the brain as two sensitive motors of the human body. The objective of this article is to present the problem of the diaphragm sensibility in Diderot, considering this twofold sense, to then contextualize the theory in the writings of naturalists and physicians of the time (Buffon, La Caze and Bordeu). Furthermore, we propose an interpretation consistent with this context.*

**Keywords:** Diderot; diaphragm; brain; Buffon; La Caze; Bordeu.

## 1. O problema da sensibilidade do diafragma

Quando se fala em sensibilidade e Diderot, costuma-se pensar na hipótese da sensibilidade universal da matéria, enunciada no início da “Continuação de uma conversa entre o Sr. d’Alembert e o Sr. Diderot” – título do primeiro diálogo da trilogia conhecida como *O Sonho de d’Alembert* (1769). O diafragma só aparece, contudo, ao fim do segundo diálogo, que dá nome ao tríptico e põe em cena os personagens, calcados em pessoas reais, da Srta. Julie de Lespinasse e do doutor Bordeu (doravante Julie e doutor). Trata-se da passagem na qual o último divaga sobre como se fazem os gênios, estabelecendo uma oposição entre estes e os demais seres sensíveis. Para fazer coisas grandiosas, é preciso controlar a própria sensibilidade, pois, segundo o doutor, “um ser entregue ao poder do diafragma” se mostra “incapaz de sangue frio, razão, juízo ou justiça”. Logo, não tem “nenhum recurso”, deixando-se levar por um “tumulto interior”<sup>1</sup>. Como o trabalho genial pressupõe uma ação tranquila e

---

1 Diderot, D. Le Rêve de d’Alembert. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres philosophiques*. Edição de Michel Delon e Barbara de Negroni. Paris: Gallimard, col. “Bibliothèque de la Pléiade”, 2010, p. 394. Para a tradução do *Sonho* e dos *Elementos*, utilizamos a de Maria das Graças de Souza e Pedro Paulo Pimenta (doravante trad. MGS e PPP), no prelo pela editora UNESP, 2023, p. 56. Pode haver discrepância entre a versão no prelo e a publicada quanto à paginação.

fria, nada se faz de grande sem o domínio da sensibilidade<sup>2</sup>. Mas Julie, identificando-se com o ser sensível, suspeita dessa exaltação do gênio frio. Seu argumento, embora não convença o doutor, deve chamar a atenção do leitor: a sensibilidade do diafragma é a condição do prazer intenso; sem ela, não se goza nem do sublime nem do patético<sup>3</sup>.

Esse trecho do *Sonho* será reencenado e desenvolvido ao longo de todo o *Paradoxo sobre o comediante*<sup>4</sup> (1773). Originalmente uma simples resenha sobre um tratado da arte da representação, a obra se transforma numa discussão que exemplifica, no trabalho do ator, o funcionamento de dois centros da sensibilidade: o diafragma e o cérebro. A posição do doutor é, de certo modo, retomada pelo primeiro interlocutor; a de Julie, pelo segundo (doravante A e B). Para A, o cérebro faz os bons atores; o diafragma, ainda que faça excelentes espectadores, produz somente atores medíocres. Esse interlocutor parece, no entanto, pressupor o argumento de Julie ao se reconhecer como ela, um ser sensível. Se entendemos, porém, algumas de suas falas ao pé da letra, a teoria parece perder suas nuances, configurando um conceito unívoco: “A sensibilidade, conforme a única aceção concedida até agora ao termo, é, parece-me, esta disposição companheira da fraqueza dos órgãos, consequência da mobilidade do diafragma”<sup>5</sup>. Uma definição tão categórica pode surpreender quem conhece os verbetes relacionados ao tema da *Enciclopédia*. Basta passar os olhos por “Sensibilidade, sentimento”, “Insensibilidade”, “Sensações”, “Sentidos externos” e “Sentidos internos”, nas suas diversas rubricas (fisiologia, medicina, filosofia moral e metafísica), para perder a conta das aceções de sensibilidade que o dicionário oferece.

Face ao impasse entre o dicionário enciclopédico e o diálogo filosófico, vale buscar a raiz do problema noutra lugar. Ao que tudo indica, Diderot

2 Ver Diderot, D. *Le Rêve de d’Alembert*, op. cit., p. 394-395.

3 Ver *ibidem*, p. 395 e trad. MGS e PPP, p. 57: “Srta. de Lespinasse — Mas não é essa a condição para usufruir da música sublime ou de uma cena emocionante?”.

4 Embora todo o *Paradoxo* aborde o tema, há uma passagem específica muito similar à passagem referida do *Sonho*. Ver Diderot, D. *Le Rêve de d’Alembert*, op. cit., p. 394-395 e Diderot, D. *Paradoxe sur le comédiant*. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes*: Tome IV, Esthétique-théâtre. Edição de Laurent Versini. Paris: R. Laffont, 1996, p. 1382-1383.

5 *Ibidem*, p. 1403. Para a tradução do *Paradoxo*, utilizamos a de J. Guinsburg (doravante trad. JG): Diderot, D. *Paradoxo sobre o comediante*. In: \_\_\_\_\_. *Obras II* (estética, poética e contos). São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 57.

partiu da constatação de algum fato material, de algo que poderia ser encontrado junto à experiência. Um esclarecimento preliminar sobre essa questão estaria, conseqüentemente, nas suas notas de leitura dos escritos médicos de sua época. Como explica Motoichi Terada, em sua introdução aos *Elementos de fisiologia* (≈1782), o diafragma é situado em posição relativa ao cérebro. Ambos são centros da sensibilidade, mas o primeiro responde pela capacidade de compadecer; o segundo, pela capacidade cognitiva. Daí a existência, no corpo humano, de dois motores (um “intelectual”, outro “compassivo”) em simpatia, ou seja, em interação constante mediante o sistema nervoso<sup>6</sup>. O próprio Diderot, nessa obra, define prazer e dor como “dois movimentos diferentes do diafragma”<sup>7</sup>. O cérebro faz os homens “sábios”, mas é o diafragma que os torna “compassivos e morais”<sup>8</sup>. Na *Refutação d’Helvétius* (1783), Diderot, imaginando “as respostas de Helvétius às suas críticas”<sup>9</sup>, censura o autor do escrito *Do Homem* por não ter se pronunciado a respeito do diafragma e do cérebro: “Como o senhor, que não entende nada desses dois grandes motores da máquina, um que constitui os homens espirituais ou estúpidos [o cérebro], outro que os separa em duas classes, a das almas ternas e a dos corações endurecidos [o diafragma], escreve um tratado do homem?”<sup>10</sup>.

Portanto, apesar da fala de A, a sensibilidade não consiste, como explica Terada, num “princípio homogêneo à parte”, mas é concebida como algo “inter-relacional”, que associa “elementos heterogêneos do corpo”<sup>11</sup>. A afirmação aparentemente monolítica do primeiro interlocutor exige, assim, uma

---

6 Ver Terada, M. Introduction. In: Diderot, D. *Éléments de physiologie*. Edição de Motoichi Terada. Paris: Éditions Matériologiques, 2019, p. 90. Ver Diderot, D. *Éléments de physiologie*. Edição de Motoichi Terada. Paris: Éditions Matériologiques, 2019, p. 212 e a nota 135 de Terada. Sobre a simpatia, ver Rey, R. *Naissance et développement du vitalisme en France de la deuxième moitié du 18e siècle à la fin du Premier Empire*. Oxford: Voltaire Foundation, 2000, p. 170. Rey define as simpatias como “fatos objetivos que estabelecem conexões entre, por exemplo, os órgãos da geração e os da voz e das orelhas: a cabeça e o fígado, o estômago e a maior parte das outras ‘regiões’ do corpo: deve ser possível encontrar um traçado materializável entre esses diferentes lugares, seja por intermédio das ramificações nervosas, seja por interpenetrações do tecido celular”.

7 Diderot, D. *Éléments de physiologie*, op. cit., p. 140; trad. MGS e PPP, p. 85.

8 Diderot, D. *Éléments de physiologie*, op. cit., p. 212; trad. MGS e PPP, p. 125.

9 Negroni, B. Notice [Réfutation d’Helvétius]. In: Diderot, D. *Œuvres philosophiques*. Edição de Michel Delon e Barbara de Negroni. Paris: Gallimard, col. “Bibliothèque de la Pléiade”, 2010, p. 1261. Ver também p. 1267.

10 Diderot, D. Réfutation d’Helvétius. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres philosophiques*. Edição de Michel Delon e Barbara de Negroni. Paris: Gallimard, col. “Bibliothèque de la Pléiade”, 2010, p. 516, tradução nossa.

11 Terada, M. Introduction, op. cit., p. 87.

contextualização. Sabe-se que o *Paradoxo*, seguindo o sentido etimológico do termo, pretende se opor a uma opinião comum na época: a de que a bela atuação se deve ao sentimento, realmente experimentado pelo ator em cena, e não propriamente representado. Para o vulgo, o sentir do ator não se diferencia então daquele do espectador, já que ambos sentiriam intensamente, e tal sensação definiria a beleza do espetáculo. Existe, nesse lugar-comum, uma confusão entre dois momentos do processo indutivo que A parece querer separar e especificar. B confunde o prazer da plateia, que define o belo, com o trabalho do ator. Este deveria, ao contrário, assemelhar-se ao trabalho do crítico de arte. Por certo, quando o crítico entra pela primeira vez nas exposições dos salões bienais do Louvre, ele se vê imediatamente tomado por sentimentos de prazer e de dor. A apreciação crítica, porém, não será redigida ali, no calor do momento, mas sim posteriormente, a partir de uma reflexão mais fria e tranquila<sup>12</sup>. O crítico não deixou de ser suscetível a sensações intensas. Tais impressões, no entanto, são apenas o pontapé inicial de sua análise da obra de arte. Não por acaso, A, que enuncia a maior parte da reflexão estética do *Paradoxo*, considera-se, como dissemos, um ser sensível.

Diafragma e cérebro interagem, assim, na produção de inferências indutivas. Isso leva à interpretação comum do *Paradoxo*: não basta intensificar a sensação, é preciso extrapolá-la com a reflexão. A curto prazo, sente-se sem pensar: desenvolve-se a sensibilidade do diafragma em detrimento da do cérebro. A longo prazo, pensa-se sem sentir: desenvolve-se a sensibilidade do cérebro em detrimento da do diafragma. Mas é possível sentir sem pensar ou pensar sem sentir? Daí o paradoxo do paradoxo, sempre no sentido etimológico do termo. Numa primeira leitura do problema da sensibilidade, aquela defendida por B e comum à época, supõe-se que o melhor é só sentir. Numa segunda leitura, aquela elaborada por A, decide-se que o melhor é só pensar, logo, ser insensível. Numa terceira leitura, a proposta neste artigo, os dois centros da sensibilidade são conspirantes, para usar um termo dos *Elementos*, e jamais funcionam independentemente, embora um possa predominar sobre o outro dependendo das circunstâncias.

Para mostrar a ação e reação permanente entre diafragma e cérebro e como essas prevalências ocorrem, estudaremos algumas teorias fisiológicas e epistemológicas da segunda metade do século XVIII. Nossos pontos de referência são três: o livro de La Caze *Sobre o físico e o moral no homem* (1755), os tratados

---

12 Sobre a dualidade termodinâmica entre cérebro e diafragma em Diderot, ver Delon, M. Um imaginário da termodinâmica, trad. Déborah Spatz, *O que nos faz pensar*, v.30, n.50, 2022, p. 164-171.

de Bordeu *Sobre a posição das glândulas* (1751) e *Sobre a história da medicina* (1768), e os discursos de Buffon sobre “A natureza dos animais” (1753) e “Os animais predadores” (1758)<sup>13</sup>. Começaremos por este último, uma vez que se trata do texto em que a sensibilidade do diafragma está melhor explicitada. Terminaremos com os *Elementos* de Diderot, comparados com alguns trechos do *Sonho*, textos que fornecerão as pistas finais para nossa interpretação.

## 2. Buffon: o diafragma sensível e o cérebro inerte

“Os animais predadores” é o título do primeiro capítulo, do sétimo tomo, da *História natural* de Buffon. Ele se insere na “História geral dos animais” e, mais precisamente, na quarta parte da “História natural dos quadrúpedes”. O texto começa com a defesa da necessidade, no sistema geral dos seres, da morte violenta e com o reconhecimento do ser humano como o mais prejudicial dos predadores – aquele que esgotaria toda a natureza, se esta não fosse, aos olhos de Buffon, inesgotável<sup>14</sup>. Esse preâmbulo, frequentemente reproduzido pelos libertinos de Sade a fim de justificar o assassinato, transforma-se, paradoxalmente, num discurso sobre a sensibilidade moral, analisada de um ponto de vista fisiológico. É verdade que Buffon dá coesão à transição, constatando a insensibilidade dos seres que sacrificam, impassivelmente, seus semelhantes. Mas, a esse prenúncio de discurso “libertino”, segue-se uma segunda constatação: tanto os homens quanto os animais possuem um sentimento de piedade, que é uma afecção natural e não uma paixão da alma<sup>15</sup>.

Isso posto, Buffon se concentra no exame do sentimento “como uma faculdade natural”<sup>16</sup>, cujos graus se diferenciam proporcionalmente à organiza-

13 Essa escolha segue as seguintes indicações: Negroni, B. Notes [Le rêve de d'Alembert]. In: Diderot, D. *Œuvres philosophiques*. Edição de Michel Delon e Barbara de Negroni. Paris: Gallimard, col. “Bibliothèque de la Pléiade”, 2010, p. 1248 (nota 102 da p. 394); Roger, J. *Les sciences de la vie dans la pensée française du XVIIIe siècle: La génération des animaux de Descartes à l'Encyclopédie*, 2ª ed. Paris: A. Michel, 1993, p. 629-630; Hobson, M. Sensibilité et spectacle: le contexte médical du “Paradoxe sur le comédien” de Diderot. *Revue de Métaphysique et de Morale*, v.82, n.2, ab.-jun. 1977, p. 148-9.

14 Ver Buffon, G.-L. L. Les animaux carnassiers. In: \_\_\_\_\_. *Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du roy*. Paris: Impr. Royale, 1758, t. 7, p. 3-4.

15 Ver *ibidem*, p. 7.

16 *Ibidem*, p. 9. Utilizamos a tradução da *História natural* de Isabel Coelho Fragelli, Ana Carolina Soliva Soria e Pedro Paulo Pimenta, publicada em 2021 pela editora UNESP (doravante trad. ICF, ACSS e PPP), p. 669.

ção de cada ser. Quanto mais simples for a organização, mais dispersa pelo corpo será a sensibilidade, menos sensível será o ser. Ao contrário, quanto mais complexa a organização, mais centralizada a sensibilidade, mais sensível o ser. Os seres mais sensíveis (animais humanos e outros animais semelhantes ao homem) são aqueles que possuem um “centro principal e único, ao qual possam chegar as diferentes vibrações”<sup>17</sup>. Por oposição, os seres menos sensíveis (como o pólipo) possuem vários centros de sensibilidade e se mostram menos como um “todo único”<sup>18</sup>. O diafragma parece ser, justamente, esse “centro do sentimento”<sup>19</sup>. Buffon fornece várias definições do órgão. Trata-se, primeiramente, de uma “parte nervosa”, sobre a qual “incidem as impressões da dor e do prazer”<sup>20</sup>; depois, de um “ponto de apoio”, no qual “se exercem todos os movimentos do sistema sensível”<sup>21</sup>; por fim, de uma “membrana [...] dotada de extrema sensibilidade”<sup>22</sup>.

Roselyne Rey, ao falar de um contexto médico mais amplo, usa a imagem da teia de aranha para ilustrar a relação de simpatia entre o diafragma (a aranha) e os outros órgãos mediante os nervos (a teia)<sup>23</sup>. Quando se pensa num ponto de apoio para as relações entre as partes do corpo, o diafragma ganha destaque por marcar o momento de início da interação das forças próprias a cada órgão. A primeira inspiração do bebê incita um primeiro abalo no diafragma, que, por seu turno, integra todos os outros órgãos ao conjunto de movimentos de ação e reação, funcionando como uma sorte de pêndulo compensador<sup>24</sup>, ou, noutras palavras, como “um lugar geográfico capaz de ‘focalizar’ o conjunto das interações de forças”<sup>25</sup>. É como se a vida começasse no corpo da aranha que a transmite, em seguida, à teia e esta, aos outros órgãos.

---

17 Buffon, G.-L. L. *Les animaux carnassiers*, op. cit., p. 9; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 669.

18 Buffon, G.-L. L. *Les animaux carnassiers*, p. 10, op. cit.; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 669.

19 Buffon, G.-L. L. *Les animaux carnassiers*, p. 10, op. cit.; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 670.

20 Buffon, G.-L. L. *Les animaux carnassiers*, p. 10, op. cit.; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 670.

21 Buffon, G.-L. L. *Les animaux carnassiers*, p. 10, op. cit.; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 670.

22 Buffon, G.-L. L. *Les animaux carnassiers*, p. 11, op. cit.; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 670.

23 Ver Rey, R. *Naissance et développement du vitalisme*, op. cit., p. 163.

24 Ver *ibidem*, p. 164.

25 *Ibidem*, p. 168, tradução nossa.

Contudo, no contexto médico, o cérebro serve de contrapeso ao diafragma: este entendido como ponto de ação; aquele, de reação<sup>26</sup>.

Buffon se opõe a essa função do cérebro. Para ele, engana-se quem pensa que o cérebro, por ser comumente tido como “sede das sensações”, também seja, por conta disso, o “centro do sentimento”<sup>27</sup>. Um exemplo justifica a afirmação do naturalista: pode-se ferir o cérebro e extrair dele uma parte sem que o animal deixe de viver, mover-se ou sentir<sup>28</sup>. Daí a necessidade de distinguir a sensação do sentimento. Para Buffon, a sensação é insensível, pois ela consiste numa simples “vibração do sentido”<sup>29</sup>, que não afeta o animal e à qual ele é indiferente. Para que a sensação sinta, ela deve se tornar “agradável ou desagradável pela propagação dessa vibração pelo sistema sensível como um todo”<sup>30</sup>. Esse *tornar-se agradável ou desagradável* constitui, pois, a “essência do sentimento”<sup>31</sup>.

Ainda que responsável pela propagação das sensações no corpo animal, o cérebro não possui “nenhum indício de sentimento”<sup>32</sup>, logo, não responde pela dor e pelo prazer. Tais sentimentos dependem de um centro ou ponto de apoio (o diafragma), sobre o qual forças opostas se exercem<sup>33</sup>. Tudo o que possui caráter agradável ou desagradável, como “as afeições íntimas, as emoções vivas, as eclosões de prazer, as comoções, as dores, as náuseas, a tontura, todas as impressões fortes das sensações”<sup>34</sup>, tem de passar pelo diafragma. Independentemente do modo de funcionamento do sistema nervoso, por vibração de nervos elásticos ou por fluxo de fluido neural, Buffon se mostra convencido de que o sentimento se propaga por todo corpo mediante o centro sensível do diafragma<sup>35</sup>. A substância do cérebro, que envolve todas as partes tidas erroneamente como sedes das sensações, tais como a glândula

---

26 Ver *ibidem*, p. 165.

27 Buffon, G.-L. L. *Les animaux carnassiers*, p. 11, *op. cit.*; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 670.

28 Ver Buffon, G.-L. L. *Les animaux carnassiers*, p. 11, *op. cit.*

29 *Idem*; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 670.

30 Buffon, G.-L. L. *Les animaux carnassiers*, p. 11, *op. cit.*; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 670.

31 Buffon, G.-L. L. *Les animaux carnassiers*, p. 11, *op. cit.*; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 670.

32 Buffon, G.-L. L. *Les animaux carnassiers*, p. 12, *op. cit.*; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 671.

33 Ver Buffon, G.-L. L. *Les animaux carnassiers*, p. 12, *op. cit.*

34 *Idem*; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 671.

35 Ver Buffon, G.-L. L. *Les animaux carnassiers*, , *op. cit.*, p. 13.



pineal e o corpo caloso<sup>36</sup>, não pode ser esse centro, porque é “mole”, “inativa” e “insensível”<sup>37</sup>. O argumento mais forte do naturalista para comprovar tal insensibilidade é que, para ele, os nervos “não penetram a substância do cérebro: eles chegam apenas até a sua superfície”<sup>38</sup>. A imagem que Buffon desenha não poderia ser mais desfavorável para os defensores das capacidades cerebrais. Assim como a terra nutre as plantas, o cérebro alimenta os nervos. Daí a ideia de que o cérebro é tão insensível quanto a terra<sup>39</sup>, formando apenas um “órgão de secreção e de nutrição” para os nervos. Não se trata, de modo algum, da “sede das sensações” e tampouco do “princípio do sentimento”<sup>40</sup>.

Uma das razões para que Buffon atribua ao cérebro uma posição tão passiva poderia ser a associação que ele faz, no quarto tomo da *História natural* (1753), das capacidades cognitivas a um princípio espiritual. O “Discurso sobre a natureza dos animais”, que abre essa primeira parte da *História natural* dedicada aos quadrúpedes, propõe uma teoria da percepção e do conhecimento. Embora o naturalista não trate do diafragma e tenha mudado de posição em relação a algumas noções posteriormente, a diferença que ele estabelece, nesse texto, entre as operações sensitivas e cognitivas podem nos ajudar a entender as diferenças que Diderot estabelecerá entre a sensibilidade do cérebro e a do diafragma. Uma longa seção do discurso trata do *Homo duplex*. Pouco importa aqui que a cisão proposta no ser humano, por Buffon, seja entre um princípio material (o sentido interno) e outro espiritual (a alma). O que nos interessa são as funções que cada um exerce.

O sentido interno, princípio material presente nos animais, responde por todas as capacidades senso-motoras: reação às impressões dos objetos externos, prazer e dor, necessidades, paixões, movimentos do corpo, reminiscência das sensações e sonhos<sup>41</sup>. Os sentidos externos (os cinco canais sensitivos), descritos como passivos, apenas recebem e transmitem os abalos instantâneos dos objetos externos. É, pois, o sentido interno que os conserva e os

---

36 Ver *ibidem*, p. 15.

37 *Ibidem*, p. 14; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 672.

38 Buffon, G.-L. L. Les animaux carnassiers, p. 16, op. cit.; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 673.

39 Ver Buffon, G.-L. L. Les animaux carnassiers, op. cit., p. 16.

40 *Ibidem*, p. 17; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 674.

41 Ver Buffon, G.-L. L. Discours sur la nature des animaux. In: \_\_\_\_\_. *Histoire naturelle, générale et particulière*, avec la description du Cabinet du roy. Paris: Impr. Royale, 1753, t. 4, p. 60, p. 63, p. 71 e p. 77.

reaviva, já que essencialmente ativo<sup>42</sup>. A alma, presente apenas nos animais humanos, ocupa-se de todas as atividades cognitivas, sendo um princípio do conhecimento. Ela concede ao homem entendimento, espírito e memória, mas se manifesta tarde e se desenvolve apenas pela educação, permitindo, assim, o desenvolvimento da ciência. Graças a ela, o ser humano desfruta de momentos de calma e de serenidade, da sabedoria e das alegrias do espírito e do domínio de si mesmo. Em suma, do poder de refletir<sup>43</sup>.

Parece revoltante que Buffon recuse aos animais não humanos a capacidade da reflexão e mesmo a da representação das sensações em ideias. No entanto, uma análise mais detalhada das funções dos dois princípios mostra a fragilidade desse poder de reflexão unicamente humano. O sentido interno exerce seu domínio na infância, no início da juventude e continua a dominar se a educação não age. Por certo, a alma subjuga o princípio material em alguns momentos, mas este distrai aquela constantemente: é por conta do sentido interno que o animal humano age frequentemente contra sua própria vontade e pensamento<sup>44</sup>. Não apenas capaz de subverter a razão, o princípio material também pode fazê-la agir a serviço de si próprio: “não pensamos e não agimos senão para aprovar e satisfazer sua paixão [a do princípio material]”<sup>45</sup>. Ainda, esse domínio frágil da alma, se estabilizado, pode facilmente tornar-se tédio, indiferença ou pior, insensibilidade moral: o “coração endurecido”<sup>46</sup> de um libertino sadiano, por exemplo. No fim, esse *homo duplex* acaba se mostrando um animal como tantos outros que, após uma certa idade e por alguns momentos, consegue extrapolar seu permanente e vigoroso estado sensível para aceder a alguma reflexão.

No “Discurso sobre a natureza dos animais”, o sentido interno se coloca como um sinônimo de cérebro, descrito em continuidade com a medula espinhal e os nervos, como um ponto de apoio ativo, uma sorte de apoio de alavanca capaz de ação e reação<sup>47</sup>. Nos “Animais predadores”, esse ponto de apoio torna-se o diafragma, daí a passividade do cérebro, que perde seu

---

42 Ver ibidem, p. 23-24, p. 27-28 e p. 34-37.

43 Ver ibidem, p. 47, p. 70-72 e p. 77.

44 Ver ibidem, p. 70-72.

45 Ibidem, p. 74; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 474.

46 Buffon, G.-L. L. Discours sur la nature des animaux, op. cit., p. 76; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 475.

47 Ver Buffon, G.-L. L. Discours sur la nature des animaux, op. cit., p. 28; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 446 e nota 2.

sentido ativo e fica apenas com as atribuições da nutrição dos nervos. Diderot, como bom materialista, só considera a existência de uma alma espiritual para melhor refutá-la. Entretanto, parece retomar muito diretamente aquelas funções do *homo duplex*. Nos *Elementos*, os animais não humanos, por terem sentidos mais fortes, contam mais com as informações destes do que com a reflexão. Os humanos, em contrapartida, por terem sentidos mais fracos, são forçados a melhor desenvolver a reflexão<sup>48</sup>. Esta também só se faz momentaneamente, de modo que a reflexão parece mais a exceção do que a regra.

### 3. La Caze: o diafragma como centro de ação e reação

Tudo nos leva a crer então que, na prática, o cérebro vive sob o despotismo do diafragma. Mas supor a autocracia deste órgão seria como se voltássemos à primeira leitura da arte da representação, aquela que supõe que só se deve sentir. Se o diafragma constitui um centro capaz de promover uma interação entre forças opostas, seu funcionamento não seria prejudicado sem essa oposição? É por isso que convém ler Buffon à luz de La Caze. Este havia publicado, três anos antes de os “Animais predadores” aparecerem, *A Ideia do homem físico e moral*. O médico, vale observar, cita elogiosamente as pesquisas do naturalista sobre as moléculas orgânicas<sup>49</sup>. Porém, no que diz respeito ao diafragma, é Buffon que retoma noções lacazianas<sup>50</sup>.

A segunda seção, do segundo capítulo, intitulado “Leis da economia animal”, trata do mecanismo da formação do corpo humano e da ordem das leis de sua ação. Nesta seção, La Caze define a vida como “um conjunto de vários movimentos que estão ligados por uma dependência mútua e que só se executam e se perpetuam se contrabalançando reciprocamente, mediante

---

48 Ver Diderot, D. *Éléments de physiologie*, op. cit., p. 149-150.

49 Ver La Caze, L. de. *Idée de l'homme physique et moral*, pour servir d'introduction à un traité de médecine. Paris: Guerin & Delatour, 1755, p. 75. Sobre as moléculas orgânicas de Buffon, ver De la reproduction en général (cap. 2). In: Buffon, G.-L. L. *Histoire naturelle*, 1749, t. 2, p. 18-41; trad. ICF, ACSS e PPP, p. 93-109.

50 O fato é inclusive comentado na época, pois, como lembra Rey, Ménuret de Chambaud, médico de Montpellier, teria dito que Buffon adotou formalmente o sistema de La Caze no sétimo volume da *História natural*. Ver Rey, R. *Naissance et développement du vitalisme*, op. cit., p. 168. Para a pesquisadora, Buffon teria, com efeito, simplesmente retomado “parcialmente as ideias de La Caze, sem porém mencionar suas fontes” (p. 169), tradução nossa.

esforços contínuos que todas as partes fazem umas sobre as outras<sup>51</sup>. Diferentemente de Buffon, que não se posiciona a respeito do funcionamento dos nervos, La Caze é partidário da hipótese do fluido elétrico<sup>52</sup>. Mas ele também entende que o cérebro, enquanto substância mole e inerte, não possui, por si mesmo<sup>53</sup>, a “atividade necessária”<sup>54</sup> ao mecanismo das sensações. A terceira seção, que aborda a formação do embrião, mostra mais claramente o empréstimo feito por Buffon. La Caze se refere ao diafragma como não somente “um centro ao qual todas as outras partes devem se reportar, mas também (e se trata do fato mais essencial) um centro de reação para todas as outras partes”<sup>55</sup>. Enquanto “ponto de apoio”, pois localizado estrategicamente em “distância conveniente de todas as partes”, o diafragma estabelece “o princípio geral” do “funcionamento da economia animal”<sup>56</sup>, responsabilizando-se pelos menores movimentos até as funções mais importantes. É a aranha que controla tudo aquilo que acontece em sua teia.

No quarto capítulo, sobre a digestão, La Caze examina as forças acessórias à ação do estômago no trabalho digestão. É nessa passagem que ele denomina o conjunto de ações do diafragma – suas oscilações perpétuas e seus efeitos – de “forças frênicas”<sup>57</sup>. Tais forças constituem a “principal causa determinante do funcionamento da economia animal”<sup>58</sup> e possuem um papel crucial na apreensão das sensações. Para La Caze, só há “sensações reais” quando, concomitantemente aos sentidos, as impressões afetam o “centro das forças frênicas”<sup>59</sup>. No quinto capítulo, sobre o movimento e o repouso, a segunda seção trata das mudanças que ocorrem no corpo quando há um esforço extraordinário, por exemplo, subir escadas. Nesse caso, a região do diafragma é a mais afetada, pois funciona como “uma sorte de pêndulo que modera e dirige

---

51 La Caze, L. de. *Idée de l'homme physique et moral*, op. cit., p. 74, as traduções de La Caze são nossas.

52 Ver *ibidem*, p. 76-79.

53 Ver *ibidem*, p. 79.

54 *Ibidem*, p. 80.

55 *Ibidem*, p. 103-104.

56 *Ibidem*, p. 104.

57 *Ibidem*, p. 153.

58 *Ibidem*, p. 154.

59 *Idem*.

todos os movimentos do corpo”<sup>60</sup>. Tratando de diversos tipos de exercícios, na terceira seção, La Caze atesta a “conexão íntima” entre o “centro frênico” e a “ação do cérebro”<sup>61</sup>. Na quarta seção, falando de diversos movimentos do corpo, ele explica melhor como os dois centros de ação respondem um aos esforços do outro<sup>62</sup>: “Todas as determinações gerais e particulares de ação que são produzidas no corpo [...] dependem absolutamente das modificações desses dois centros”<sup>63</sup>. Isso quer dizer que esses dois centros se comunicam continuamente e não ficam jamais numa situação de independência um do outro: o que afeta a região frênica afeta, “quase no mesmo instante”<sup>64</sup>, a cabeça e vice-versa. Ao fim do sexto capítulo, entendemos que cérebro e centro frênico formam “um ponto de apoio geral contrabalanceado pelo esforço de todas as outras partes orgânicas”, constituindo a “fonte de toda a ação no corpo”<sup>65</sup>.

O livro se encerra no oitavo capítulo, no qual são abordadas as afecções da alma. As interações entre cérebro e diafragma, ao longo de todo texto, são muito variadas. Mas, no que diz respeito ao estado mais imediato da sensação e ao mais prolongado da reflexão, La Caze prevê uma relação inversamente proporcional. Se ocorre esforço do diafragma no momento da reflexão, esta se faz mais dificilmente. Logo, dependendo da duração e da intensidade do estado de reflexão, a ação do diafragma deve diminuir<sup>66</sup>. Contudo, para que haja uma impressão sensível no cérebro, as vibrações da impressão também devem passar pelo centro das forças frênicas<sup>67</sup>. Portanto, o raciocínio se faz no cérebro somente até certo ponto<sup>68</sup>, pois depende do diafragma para “experimentar o sentimento e nos colocar, por isso, em estado de agir ou de falar em

---

60 Ibidem, p. 204.

61 Ibidem, p. 220.

62 Ver ibidem, p. 230-231.

63 Ibidem, p. 232.

64 Idem, ver também ibidem p. 233.

65 Ibidem, p. 247.

66 Ver ibidem, p. 360.

67 Ver ibidem, p. 354.

68 Ver ibidem, p. 355-356.

consequência desse sentimento<sup>69</sup>. É como se cérebro e diafragma trocassem constantemente de posição quanto à ação e à reação. Na reflexão, é o cérebro que age e o diafragma reage. Já no sentimento e no movimento muscular, é o diafragma que age e o cérebro reage<sup>70</sup>. A questão não gira, portanto, especificamente em torno do equilíbrio, mas sim de uma complexa colaboração entre os órgãos que relaxam e se excitam para melhor responder a uma determinada função.

#### 4. Bordeu: a sensibilidade do diafragma e o sentimento do cérebro

O parágrafo 132 das *Pesquisas* [...] *sobre a posição das glândulas* está impregnado das ideias de La Caze. Bordeu trata justamente da interação de forças, especificada no título do parágrafo: “A ação ou o esforço das partes umas sobre as outras”<sup>71</sup>. Aqui, Bordeu assegura que “todas as partes fazem esforços umas contra as outras e [que] esses esforços recíprocos as sustentam em suas funções”<sup>72</sup>. Ele supõe que o equilíbrio resultante do conjunto desses “esforços multiplicados” deve contribuir muito com o estado de saúde. Pois, se há esforço exagerado de uma parte, outra parte sofre. Inversamente, se uma parte exerce pouca força, relaxando-se, outra parte perde seu contraponto. É nesse contexto que ele fala da “ação do diafragma e a dos músculos do baixo-ventre”<sup>73</sup> na circulação de líquidos e no movimento nos “vasos das vísceras”<sup>74</sup>. Pensou-se que a ação do diafragma seria puramente compressora, isto é, que ele apenas comprimiria os vasos. Tendo em vista, porém, que os vasos são providos de “uma vida e uma sensibilidade marcadas”<sup>75</sup>, eles já possuem um movimento próprio e apenas se irritam assim que tocados. Consequentemente, a atividade do diafragma é mais excitatória do que compressora: um abalo

---

69 Ibidem, p. 356.

70 Ver ibidem, p. 383-384.

71 Bordeu, T. de. Recherches anatomiques sur la position des glandes et sur leur action. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Bordeu*. Edição de Richerand. Paris: Caille et Ravier, 1818, t. I, p. 206 (todas as traduções de Bordeu são nossas).

72 Ibidem, p. 206.

73 Ibidem, p. 206.

74 Ibidem, p. 207.

75 Ibidem, p. 207.

nele multiplica e intensifica o movimento já existente dos vasos, que a ele respondem, propagando a excitação aos nervos. Esse parágrafo 132 encerra as *Pesquisas [...] sobre a posição das glândulas* e Bordeu não chega a desenvolver o tema, com exceção de uma nota<sup>76</sup>. Nesta, ele aborda superficialmente a teoria dos três centros de sensibilidade e movimento (cabeça, peito e baixo-ventre), remetendo-os ao duunvirato de Van Helmont (baço e estômago)<sup>77</sup>. Maiores esclarecimentos sobre a questão aparecem em obras posteriores de Bordeu.

Se a obra de La Caze pode ser reconhecida como a origem das ideias de organização que aparecem nos textos de médicos vitalistas como Bordeu e Ménuret de Chambaud<sup>78</sup>, não se deve esquecer que o primeiro estava mais interessado numa visão geral da economia animal do que na sensibilidade propriamente dita. Na verdade, seria graças a Bordeu que La Caze precisaria suas noções a respeito da sensibilidade<sup>79</sup>. Mais de uma década se passa até que Bordeu delimite melhor as funções do cérebro e do diafragma na sensibilidade. Nas *Pesquisas sobre a história da medicina* (1768) o cérebro deixa de ser a sede da sensibilidade, dividindo a responsabilidade com o centro epigástrico (coração, estômago, diafragma e entranhas) – mais ou menos a região atribuída por La Caze às forças frênicas. Daí a distinção entre um sentimento que vem do cérebro e uma sensibilidade puramente vital, regida pelo estômago e órgãos afins<sup>80</sup>.

Como o título da obra anuncia, Bordeu faz um panorama da história da medicina, sempre precisando a posição da escola de Montpellier e, nesta, a sua própria. A passagem que nos interessa está no sétimo capítulo, sobre os “médicos filósofos”<sup>81</sup>, especificamente na seção II, que coloca a sensibilidade dos médicos vitalistas num meio termo entre o mecanicismo de Descartes e o

---

76 Ver *ibidem*, p. 193, nota 1.

77 Ver Rey, R. *Naissance et développement du vitalisme*, op. cit., p. 165. Sobre a teoria de Van Helmont, ver *ibidem*, p. 42-45 e p. 132-133. Ver também Van Helmont, J. B. *Traité de l'âme*. In: \_\_\_\_\_. *Les Œuvres de Jean Baptiste Van Helmont, traitant des principes de medecine et physique, pour la guerison assurée des maladies*. Trad. de Jean Le Conte. Lion: Jean Antoine Huguétan & Guillaume Barbier, 1671, p. 224-230.

78 Ver Rey, R. *Naissance et développement du vitalisme*, op. cit., p. 160.

79 Ver Rey, R. *Naissance et développement du vitalisme*, op. cit., p. 184.

80 Ver Roger, J. *Les sciences de la vie dans la pensée française*, op. cit., p. 629.

81 Bordeu, T. de. *Recherches sur l'histoire de la médecine*. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Bordeu*. Edição de Richerand. Paris: Caille et Ravier, 1818, t. II, p. 663.

animismo de Stahl<sup>82</sup>. Adaptando a atividade espiritual deste ao materialismo fisiológico daquele, a escola de Montpellier entende o “princípio de vida e de ação” como “a virtude do sentir própria aos órgãos e aos nervos dos animais”<sup>83</sup>. Dito em outras palavras, cada parte do corpo animal, como órgãos e nervos, possui uma sensibilidade própria, que os vitalistas entendem como um princípio de vida e de ação. A esse entendimento, Bordeu aproxima a teoria dos dois centros, prevendo duas fontes principais para a ação dos nervos: “A cabeça e a região média do corpo, adjacente ao coração, ao estômago, ao diafragma e às entranhas”<sup>84</sup>. Na sequência, Bordeu parece simplesmente retomar as ideias de La Caze, sem citá-lo, qualificando a interação das duas fontes como um “contrabalanceamento perpétuo”<sup>85</sup> que entretém as funções da vida. É justamente a divisão das funções da vida em dois centros que fundamenta a diferenciação entre o sentimento do cérebro e a sensibilidade da região média: “Há funções nas quais o sentimento domina e, então, a alma, unida ao corpo vivo, toma, por sua ação sobre o corpo, o primeiro lugar nessas funções; outras, ao contrário, parecem depender apenas da sensibilidade puramente vital, sem que a alma pareça nela interferir”<sup>86</sup>. Portanto, há funções dirigidas pela alma (o sentimento) e funções independentes desta (a sensibilidade)<sup>87</sup>. Quanto a estas últimas, o estômago e seus arredores formam “um centro principal para os movimentos do corpo” e para “todos os seus diversos graus de sentimentos”<sup>88</sup>.

Se Bordeu não fala de La Caze é porque talvez considere Van Helmont como a verdadeira fonte da teoria dos dois centros. Ele não está de todo errado, afinal, no *Tratado da alma*, Van Helmont já supunha “um certo comércio e [...] uma conspiração mútua entre o estômago e o baço”<sup>89</sup> – os dois

---

82 Ver *ibidem*, p. 666-667.

83 *Ibidem*, p. 667.

84 *Idem*.

85 *Idem*.

86 *Idem*.

87 Ver *ibidem*, p. 669.

88 *Idem*.

89 Van Helmont, J. B.. *Traité de l'âme*, op. cit., p. 226-227.



centros por ele denominados “duunvirato”<sup>90</sup>. Bordeu, na terceira seção do sétimo capítulo de suas *Pesquisas*, explica que Van Helmont colocava seu arqueu mestre na parte superior do estômago “para de lá reger todo o corpo ou para dirigir os movimentos da saúde e os das doenças”<sup>91</sup>. Como Van Helmont também sustentava a existência de um arqueu próprio a cada parte do corpo, seria também dele que a escola de Montpellier teria tirado a ideia de que cada órgão é um animal com uma sensibilidade particular, sem, porém, dar-lhe o mérito. A indireta aos colegas parece se estender a La Caze, cujas ideias derivariam então do médico seiscentista: “Aqueles que pensam que o estômago, o diafragma e as outras partes dessa região influem de uma maneira particular sobre todas as funções da economia animal devem, ao menos, a Van Helmont”<sup>92</sup> o crédito pela demonstração do fato.

Trazendo a teoria do arqueu para o contexto vitalista, Bordeu entende o estômago como um centro ou um reservatório de ação que tanto se estende a todas as partes do corpo, ocupando-se de todas as funções corpóreas e de muitas funções dependentes da alma, quanto se concentra<sup>93</sup>. Mais do que teia, a imagem aqui parece ser a das patas da aranha, que vibram, se estendem e se recolhem. Bordeu cita ainda Hipócrates e Galeno, pois sustentaram que a alma residiria no coração e no estômago. Entre um e outro órgão há, pois, um músculo que permite a interação de ambos: o diafragma. É nesse momento que fica mais clara a interpretação fisiológica que Bordeu fornece à sensibilidade moral: os filósofos morais, que estudaram a si mesmos, como Montaigne, “pintaram, no físico, as revoluções que experimentaram em seus próprios corpos”<sup>94</sup>. A região do estômago e do coração se mostra, assim, como uma das “sedes das paixões e das forças necessárias até aos esforços corpóreos”<sup>95</sup>. Obviamente, Bordeu havia lido Buffon<sup>96</sup>.

Mas, como Descartes decidiu alojar a alma numa parte do cérebro, a glândula pineal, a região epigástrica caiu no esquecimento: “Ocupou-se apenas

---

90 Ibidem, p. 227.

91 Bordeu, T. de. *Recherches sur l'histoire de la médecine*, op. cit., p. 671.

92 Ibidem, p. 671.

93 Ver ibidem, p. 673.

94 Ibidem, p. 674.

95 Idem.

96 Ver ibidem, p. 673.

do cérebro, que Aristóteles via como uma massa fria e pouco útil<sup>97</sup>. Ou seja, segundo Bordeu, Aristóteles já alertava para uma importância menor do órgão na economia animal. Os modernos, contudo, teriam se deixado levar pelos desvarios dos cartesianos<sup>98</sup>. E mesmo Willis, em geral reconhecido pelas suas pesquisas do cérebro (funções animais) e do cerebelo (funções vitais), foi, segundo Bordeu, refutado em Montpellier. O que se sabe do cérebro na Modernidade, confessa o médico, “reduz-se a bem pouca coisa”<sup>99</sup>. A sede da alma parece estar então na medula espinhal, o cérebro constituindo apenas a raiz ou o bulbo do “principal caule da fibra nervosa ou animal”<sup>100</sup>. Por certo, esta tem um “ponto de apoio” considerável na cabeça, sendo estimulada pela alma e pelos órgãos dos sentidos. Mas ela também é afetada pela região epigástrica, continuamente abalada pela “respiração”, “digestão”, “paixões” e “esforços corpóreos”<sup>101</sup>.

### 5. Diderot: o híbrido de lagostim e aranha

Por um lado, Diderot tampouco dá prioridade ao cérebro nos *Elementos*, definindo-o como “um órgão como os outros” e “mesmo um órgão secundário que nunca entraria em função sem a intervenção dos outros órgãos”<sup>102</sup> ou dos objetos da experiência, sem os quais não poderia pensar<sup>103</sup>. Trata-se, como no naturalista e nos médicos, de um órgão insensível<sup>104</sup> e, mais precisamente, “somente [de] um órgão secretor”<sup>105</sup>. O mesmo ocorre no *Sonho*: segundo o doutor, “uma substância flácida, desprovida de sensibilidade, inerte”<sup>106</sup>;

---

97 Ibidem, p. 674.

98 Ver idem.

99 Ibidem, p. 675.

100 Ibidem, p. 676.

101 Idem, p. 676.

102 Diderot, D. *Éléments de physiologie*, p. 282, op. cit.; trad. MGS e PPP, p. 166.

103 Ver Diderot, D. *Éléments de physiologie*, op. cit., p. 282.

104 Ver ibidem, p. 173.

105 Ibidem, p. 172.

106 Diderot, D. *Rêve de d'Alembert*, op. cit., p. 381; trad. MGS e PPP, p. 44.

segundo Julie, uma substância incapaz de experimentar prazer ou dor<sup>107</sup>. Por outro lado, conforme os *Elementos*, “os nervos ou cordas sensíveis”<sup>108</sup> nascem e se espalham a partir dessa massa mole. Daí o surgimento, nesta última obra, de uma nova metáfora animal para fazer o leitor imaginar o grande caule de fibra nervosa do qual falava Bordeu, assim como suas ramificações: é o lagostim com suas patas<sup>109</sup>. No *Sonho*, Julie utilizava a imagem da aranha para explicar as funções do cérebro mediante o sistema nervoso (a teia). Nos *Elementos*, os fios da teia da aranha continuam ilustrando os nervos, mas a aranha em si não representa mais o cérebro. Tendo em conta todas as visões do órgão como pouco ativo, Diderot possivelmente animalizou a metáfora vegetal de Bordeu (o bulbo com seu caule), pensando o cérebro em associação à medula espinhal. Com isso, ele acaba estendendo as funções cerebrais a todo o sistema nervoso central.

Essa cabeça-lagostim configura a “sede do pensamento”<sup>110</sup>, dando, ao animal humano, sua característica própria<sup>111</sup>. O cérebro alongado está, então, para o animal humano, como o nariz, para o cachorro ou os olhos, para a águia<sup>112</sup>. Do ponto de vista da relação do cérebro com o diafragma, é como se o ser humano fosse um híbrido de lagostim com aranha, ambos combinados pelas patas e pela teia. A aranha se ocupa dos diversos graus de sensações advindas dos cinco sentidos e de suas ressonâncias internas, responsabilizando-se pelo prazer, pela dor e pelas infinitas nuances entre um e outra. O lagostim se ocupa do registro disso tudo, pois tem a memória como propriedade principal. É o que o doutor chama de “sentido específico da origem”<sup>113</sup> da rede de fibras nervosas: um sentido específico do cérebro, tal qual a visão é o sentido específico dos olhos e o tato, o das mãos. Conseqüentemente, o cérebro também é um órgão sensitivo e só pensa porque possui o sexto sentido da memória, assim como os ouvidos escutam porque possuem o sentido da audição. Se os ouvidos fossem capazes de fazer tal registro, eles também pensariam.

---

107 Ver Diderot, D. *Rêve de d'Alembert*, op. cit., p. 380.

108 Diderot, D. *Éléments de physiologie*, op. cit., p. 168; trad. MGS e PPP, p. 101.

109 Ver Diderot, D. *Éléments de physiologie*, op. cit., p. 174.

110 Ver *ibidem*, p. 149; trad. MGS e PPP, p. 89.

111 Ver Diderot, D. *Éléments de physiologie*, op. cit., p. 148.

112 Ver Diderot, D. *Rêve de d'Alembert*, op. cit., p. 393.

113 *Idem*; trad. MGS e PPP, p. 55.

O pensamento não aparece, porém, como um privilégio humano. É uma simples capacidade animal, empregada e mesmo abusada pelo humano na necessidade de compensar uma série de faltas ou incapacidades<sup>114</sup>. Na ausência de um nariz mais potente, de um olho mais preciso ou de uma orelha mais aguçada, o animal humano se vê obrigado a desenvolver o cérebro para compensar a debilidade de todos os seus outros órgãos sensitivos<sup>115</sup>. Ou seja, para tentar aceder àquilo que os bichos acedem graças aos excelentes canais sensitivos dos quais são providos, o humano precisa desenvolver melhor a reflexão. Entretanto, isso não significa que o pensamento humano é extraordinário como a visão da águia. Perdemos facilmente a cabeça, esquecemos onde estávamos, a concentração nos falta, ficamos com sono, com preguiça, bêbados, apaixonados e, por vezes, nossas capacidades cognitivas se danificam definitivamente<sup>116</sup>. O fato é que não existe humano constante, com um domínio contínuo da cabeça. O máximo que se pode dizer desses seres é que “o mais constante é o que muda menos”<sup>117</sup>, logo, que possui mais momentos de engenhosidade do que de estupidez.

A ideia então de um “homem [que] existe inteiro num único ponto do cérebro, [que se] situa [...] inteiro na sede do pensamento”<sup>118</sup>, ou, como diz Julie, que “quase deix[a] de ser matéria”<sup>119</sup>, sentindo apenas o pensamento, é uma situação idealizada ou, ao menos, intermitente. Se dura demais, em geral traz prejuízo à economia animal, como na história, contada pelo doutor, do filósofo com dor de ouvido. Este encontra, na resolução de uma questão de metafísica, o esquecimento de seu mal. Mas logo que a existência num ponto cessa, seu mal retorna e se mostra ainda mais insuportável<sup>120</sup>. Um puro lagostim certamente poderia ocorrer “no estado de perfeita saúde, em que não há sensação [predominante] que permita discernir uma parte do corpo em especial”<sup>121</sup>. Em geral, contudo, o homem “está sempre inteiramente no

---

114 Ver Diderot, D. *Éléments de physiologie*, op. cit., p. 149.

115 Ver ibidem, p. 149-150.

116 Ver ibidem, p. 150.

117 Idem; trad. MGS e PPP, p. 90.

118 Diderot, D. *Éléments de physiologie*, op. cit., p. 151; trad. MGS e PPP, p. 91.

119 Diderot, D. *Rêve de d'Alembert*. p. 382, op. cit.; trad. MGS e PPP, p. 45.

120 Ver Diderot, D. *Rêve de d'Alembert*, op. cit., p. 392.

121 Diderot, D. *Éléments de physiologie*, p. 151, op. cit.; trad. MGS e PPP, p. 91.

lugar da sensação<sup>122</sup>. É por isso que, por mais fracos que sejam os nossos sentidos e por mais que a conformação específica do nosso cérebro seja a nossa marca, em muitos casos, não pensamos; apenas sentimos. No prazer sexual, no prazer estético, no medo, na cólera, no combate físico, no sono profundo e em toda sensação violenta ou grande paixão, nos sentimos existir apenas pelo diafragma<sup>123</sup>.

Isso tudo lemos nos *Elementos*. Não obstante, o contexto médico estudado traz nuances ao texto. Em termos absolutos, um órgão jamais age sozinho: não se pensa sem sentir, e não se sente sem, ao menos, fazer algum registro<sup>124</sup>. Como as sensações vêm antes e são coisa de todo momento, elas predominam mais facilmente no dia a dia. O sentido do cérebro funciona mais *a posteriori* do que os outros cinco, porque nasce da duração das sensações<sup>125</sup>. A curto prazo, o animal humano é predominantemente diafragma; a longo prazo, predominantemente cérebro. Ou, dito de outra maneira, a primeira prevalência é sincrônica, a segunda, diacrônica. Essas prevalências são aquilo que Julie chama de “maior vigor de um feixe em particular”<sup>126</sup> – o que não quer dizer que os outros feixes deixem de atuar, mas apenas que atuam menos energeticamente. Para que o cérebro funcione como o focinho do cachorro, quer dizer, para que o sentido da memória predomine sobre os outros cinco<sup>127</sup>, é preciso de tempo. Daí a necessidade do longo estudo, das múltiplas repetições, do trabalho assíduo, da experiência adquirida, enfim, de tudo aquilo que A atribui ao bom ator.

O bom comediante não funciona como uma substância pensante, mas sim como um cachorro concentrado na busca de um odor: sentindo-se existir apenas pelo nariz, nenhuma circunstância adversa perturba o seu farejar. Sua insensibilidade não significa ausência de diafragma ou de sensação, mas apenas maior vigor nos feixes do cérebro. À força de muito treino, ele conseguiu se sentir existir predominantemente pelo cérebro, enquanto o público se sente existir predominantemente pelo diafragma. Não à toa A chama a

---

122 Diderot, D. *Éléments de physiologie*, p. 151, op. cit.; tradução nossa.

123 Ver idem e ibidem, p. 283.

124 Ver ibidem, p. 316.

125 Ver ibidem, p. 277 e p. 279.

126 Ibidem, p. 393-4; trad. MGS e PPP, p. 56.

127 Ver Diderot, D. *Éléments de physiologie*, op. cit., p. 283.

famosa atriz Clairon de dupla: “ela é a alma de um grande manequim que a envolve” – o modelo ideal da “grande Agripina” –, ao mesmo tempo em que é a “pequena Clairon”. Esta fica dormente, enquanto aquela eleva-se “à altura de seu fantasma”, representando “sem emoção” e “seguindo seu sonho de memória”<sup>128</sup>. A grande Agripina é o lençol do fantasma que, à força de trabalho, aprendeu a agir por si mesmo; a pequena Clairon apenas se deixa cobrir enquanto cochila.

Como ilustração final desse híbrido de lagostim e aranha, poderíamos dizer que o humano constitui um acidente de percurso equivalente ao das irmãs siamesas, cujas vértebras lombares, nádegas e regiões hipogástricas nasceram inversamente unidas pelas costas<sup>129</sup>. É outra história do doutor, que ele lê na *Gazeta da França* de 4 de setembro de 1769 e conta a Julie um pouco antes da discussão sobre o diafragma. Na analogia que propomos, cada irmã representaria um dos centros da sensibilidade. Uma não vive sem a outra, tanto que “expiraram juntas, no mesmo instante”<sup>130</sup> doze horas após o nascimento. A vida de uma conspirava portanto para a da outra, mas em alternância: se uma ficava de pé, a outra estava de cabeça para baixo. Se uma despertava, a outra desmaiava. Seus umbigos contraíam-se e distendiam-se também alternativamente. A conclusão do doutor é que “essas crianças estavam tão amalgamadas que agiam e reagiam uma sobre a outra”<sup>131</sup>. Sendo “um mesmo animal, com o princípio de dois sentidos e duas consciências”, elas alternavam entre si o domínio “do sistema comum”. Em suma, “a vida dupla de um ser duplicado”<sup>132</sup>, diz Julie, com “um entendimento duplo”<sup>133</sup>, acrescenta o doutor.

O híbrido lagostim-aranha se diferencia pouco das siamesas da história. É um mesmo animal, com duas sedes sensitivas e uma vida dupla inversamente proporcional, mas com um único entendimento e uma única consciência. Salvo essas duas últimas coisas, tudo é semelhante: quando o lagostim se esforça, a aranha relaxa e vice-versa; ambos os esforços se alternam e se contrabalançam como os umbigos das irmãs; e estão tão amalgamados que agem

---

128 Diderot, D. *Paradoxe sur le comédiant*, op. cit., p. 1381-1382; trad. JG, p. 34.

129 Ver Diderot, D. *Rêve de d'Alembert*, op. cit., p. 384.

130 Idem; trad. MGS e PPP, p. 48.

131 Diderot, D. *Rêve de d'Alembert*, op. cit., p. 385; trad. MGS e PPP, p. 48.

132 Diderot, D. *Rêve de d'Alembert*, op. cit., p. 385; trad. MGS e PPP, p. 48.

133 Diderot, D. *Rêve de d'Alembert*, op. cit., p. 385-6; trad. MGS e PPP, p. 49.

e reagem continuamente um sobre o outro. Quando um prevalece, arrasta a rede de feixes do outro, que desmaia. Quando o outro domina o sistema comum, acontece o contrário<sup>134</sup>. Nada de ser racional ou criatura divina, o *homo duplex* diderotiano se compõe de dois animais, monstruosamente amalgamados. Por certo, eles se esforçam para viver em harmonia, revezando as prevalências conforme a circunstância mais oportuna. Frequentemente, porém, um deles acaba vivendo a maior parte do tempo de pernas para o ar. E quem há de convencê-lo que o mundo também não está de ponta cabeça? Difícil dizer, mas não custa tentar escrever um paradoxo.

## Referências

- BORDEU, T. de. Recherches anatomiques sur la position des glandes et sur leur action. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Bordeu*. Edição de Richerand. Paris: Caille et Ravier, 1818, t. I.
- \_\_\_\_\_. Recherches sur l'histoire de la médecine. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes de Bordeu*. Edição de Richerand. Paris: Caille et Ravier, 1818, t. II.
- BUFFON, G.-L. L. De la reproduction en général. In: \_\_\_\_\_. *Histoire naturelle, générale et particulière*, avec la description du Cabinet du roy. Paris: Impr. Royale, 1749, t. 2, p. 18-41.
- \_\_\_\_\_. Discours sur la nature des animaux. In: \_\_\_\_\_. *Histoire naturelle, générale et particulière*, avec la description du Cabinet du roy. Paris: Impr. Royale, 1753, t. 4, p. 3-110.
- \_\_\_\_\_. Les animaux carnassiers. In: \_\_\_\_\_. *Histoire naturelle, générale et particulière*, avec la description du Cabinet du roy. Paris: Impr. Royale, 1758, t. 7, p. 3-38.
- \_\_\_\_\_. *História natural*. Tradução de Isabel Coelho Fragelli, Ana Carolina Soliva Soria e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: UNESP, 2021.
- DELON, M. Um imaginário da termodinâmica, tradução de Déborah Spatz. *O que nos faz pensar*, v.30, n.50, 2023, p.164-171.
- DIDEROT, D. Paradoxe sur le comédiant. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes*: Tome IV, Esthétique-théâtre. Edição de Laurent Versini. Paris: R. Laffont, 1996.
- \_\_\_\_\_. Paradoxo sobre o comediante. In: \_\_\_\_\_. *Obras II* (estética, poética e contos). Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2000.

---

134 Ver Diderot, D. *Rêve de d'Alembert*, op. cit., p. 385.

- \_\_\_\_\_. Le Rêve de d'Alembert. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres philosophiques*. Edição de Michel Delon e Barbara de Negroni. Paris: Gallimard, col. "Bibliothèque de la Pléiade", 2010.
- \_\_\_\_\_. Réfutation d'Helvétius. In: \_\_\_\_\_. *Œuvres philosophiques*. Edição de Michel Delon e Barbara de Negroni. Paris: Gallimard, col. "Bibliothèque de la Pléiade", 2010.
- \_\_\_\_\_. *Éléments de physiologie*. Edição de Motoichi Terada. Paris: Éditions Matériologiques, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Princípios filosóficos sobre a matéria e o movimento; O sonho de d'Alembert; Elementos de fisiologia*. Tradução de Maria das Graças de Souza e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: UNESP, 2023, no prelo.
- HOBSON, M. Sensibilité et spectacle: le contexte médical du "Paradoxe sur le comédien" de Diderot. *Revue de Métaphysique et de Morale*, v.82, n.2, p. 145-164, ab.-jun. 1977.
- LA CAZE, L. de. *Idée de l'homme physique et moral*, pour servir d'introduction à un traité de médecine. Paris: Guerin & Delatour, 1755.
- NEGRONI, B. Notes [*Le rêve de d'Alembert*]. In: Diderot, D. *Œuvres philosophiques*. Edição de Michel Delon e Barbara de Negroni. Paris: Gallimard, col. "Bibliothèque de la Pléiade", 2010, 1225-1252.
- \_\_\_\_\_. Notice [*Réfutation d'Helvétius*]. In: Diderot, D. *Œuvres philosophiques*. Edição de Michel Delon e Barbara de Negroni. Paris: Gallimard, col. "Bibliothèque de la Pléiade", 2010, p. 1258-1268.
- REY, R. *Naissance et développement du vitalisme en France de la deuxième moitié du 18e siècle à la fin du Premier Empire*. Oxford: Voltaire Foundation, 2000.
- ROGER, J. *Les sciences de la vie dans la pensée française du XVIIIe siècle: La génération des animaux de Descartes à l'Encyclopédie*, 2<sup>a</sup> ed. Paris: A. Michel, 1993.
- TERADA, M. Introduction. In: Diderot, D. *Éléments de physiologie*. Edição de Motoichi Terada. Paris: Éditions Matériologiques, 2019, p. 9-111.
- VAN HELMONT, J. B. Traité de l'âme. In: \_\_\_\_\_. *Les Œuvres de Jean Baptiste Van Helmont*, traitant des principes de médecine et physique, pour la guérison assurée des maladies. Tradução de Jean Le Conte. Lion: Jean Antoine Huguétan & Guillaume Barbier, 1671.